

MULHERES DE LUTA. LEGADOS DE RESISTÊNCIA



TITINA SILÁ

HISTÓRIA

Titina Silá foi uma militante da luta de libertação da Guiné-Bissau e uma das mulheres mais emblemáticas do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Desde jovem, envolveu-se ativamente na resistência contra o colonialismo português, assumindo tarefas de mobilização política, organização das populações e apoio logístico nas zonas libertadas.

Titina acreditava profundamente na participação das mulheres como parte essencial da revolução. Defendeu o acesso das mulheres à educação, à consciência política e à luta armada, rompendo com os papéis tradicionais impostos pelo colonialismo e pelo patriarcado. O seu compromisso com a causa da independência levou-a a desempenhar missões de grande responsabilidade e a demonstrar uma enorme coragem.

Morreu em 1973, antes da independência da Guiné-Bissau, tornando-se um símbolo da entrega total à luta pela liberdade. Titina Silá permanece como referência histórica da força, do protagonismo e da contribuição das mulheres africanas nos processos de libertação nacional.



PROJETO

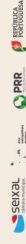
A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA



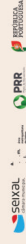
ANCRAL



MDM



SEIXAL



PRR



REPÚBLICA PORTUGUESA



COMUNIDADE EUROPEIA

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



DEOLINDA RODRIGUES

HISTÓRIA

Deolinda Rodrigues foi uma das vozes femininas mais marcantes da luta de libertação de Angola e uma militante de corpo inteiro do MPLA. Nasceu em 1939 e cedo se destacou pela inteligência, pela consciência social e pela entrega à causa da independência. Participou ativamente na organização do movimento, sobretudo no trabalho de mobilização, na formação política e na reflexão ideológica sobre a revolução angolana.

Defendeu com firmeza a emancipação da mulher, criticando as desigualdades de gênero tanto no contexto colonial como dentro dos próprios movimentos de libertação. Nos seus escritos e diários, refletiu sobre o papel da mulher na luta revolucionária, denunciando o machismo e afirmando que a independência só teria sentido se trouxesse igualdade e dignidade para todos.

Foi capturada e morta em 1967, em circunstâncias trágicas, tornando-se um símbolo de coragem, consciência crítica e resistência. Em sua homenagem, o governo angolano celebra o dia 2 de março, aniversário da sua morte, como Dia Nacional da Mulher, e deu o seu nome a uma avenida em Luanda.



comunidade em ação
compartilhando experiências

PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

JANIRA

MDM

SEIXAL

PRR

REPÚBLICA

EUROPEAN UNION

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



JOSINA MUTHEMBA

HISTÓRIA

Josina Muthemba nasceu em 1945 e destacou-se como uma das mais importantes militantes da luta de libertação nacional de Moçambique. Ainda muito jovem, juntou-se à FRELIMO, movida pelo desejo de pôr fim ao colonialismo português e conquistar a independência do seu país. Recebeu formação política e militar e participou ativamente na mobilização das populações e na organização interna do movimento.

Josina teve um papel fundamental na organização das mulheres dentro da FRELIMO, defendendo a sua participação ativa na política, no trabalho e na educação. Acreditava que a libertação nacional só seria completa com a libertação da mulher moçambicana. Mesmo debilitada pela sua doença, continuou a trabalhar intensamente até à sua morte precoce, em 1971. O governo da FRELIMO declarou 7 de abril, o dia da sua morte, como o Dia Nacional da Mulher em Moçambique.

Josina tornou-se um símbolo da resistência, da coragem e do compromisso revolucionário feminino. O seu legado permanece vivo como referência na luta pelos direitos das mulheres e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária em Moçambique.



PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

AMCRA
Associação Moçambicana
Cultural e Recreativa



SEIKAL
Associação Moçambicana
de Estudos e Investimentos



MDM
Associação Moçambicana
de Desenvolvimento



PRR
Associação Moçambicana
de Promoção e Recreação



MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



CARMEN PEREIRA

HISTÓRIA

Carmen Pereira foi uma das mais importantes figuras femininas da luta de libertação da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Militante histórica do PAIGC, participou ativamente na organização política, na mobilização das populações e na administração das zonas libertadas durante a luta contra o colonialismo português.

Ela destacou-se pela defesa firme da emancipação das mulheres, acreditando que a independência nacional deveria caminhar lado a lado com a igualdade de gênero. Teve um papel central na formação política e na valorização da participação feminina na vida pública, combatendo práticas tradicionais e estruturas que limitavam os direitos das mulheres.

Após a independência, continuou a sua atuação política, tornando-se em 1984 a primeira mulher a assumir interinamente a presidência da Guiné-Bissau, ainda que por um curto período. O seu percurso simboliza liderança, compromisso revolucionário e o contributo decisivo das mulheres africanas na luta pela liberdade e na construção do Estado pós-colonial.



comunidade em ação
compartilhando experiências

PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

JANIRA

MDM

SEIXAL

PRR

REPÚBLICA

EUROPEAN UNION

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



LILICA BOAL

HISTÓRIA

Lilica Boal foi uma historiadora, filósofa, professora e importante militante da luta de libertação da Guiné-Bissau e uma das mulheres de destaque no seio do PAIGC. Desde jovem, engajou-se na resistência contra o colonialismo português, participando ativamente em tarefas de mobilização política, apoio logístico e organização das populações nas zonas libertadas.

Reconhecida pela sua coragem e sentido de responsabilidade, Lilica Boal contribuiu para fortalecer a participação das mulheres na luta revolucionária, mostrando que elas tinham um papel fundamental não apenas no apoio, mas também na condução do processo de libertação. Defendeu a educação, a consciência política e a igualdade como pilares de uma sociedade livre.

O seu percurso representa o compromisso, o sacrifício e a força das mulheres guineenses na luta pela independência, deixando um legado de resistência e inspiração para as gerações seguintes.

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



MICAELA DE SOUSA

* foto ilustrativa

HISTÓRIA

Micaela de Sousa foi uma militante angolana ligada à luta de libertação nacional, associada ao MPLA, e representa o contributo muitas vezes silenciado das mulheres no processo revolucionário angolano. Participou em atividades de apoio à luta, incluindo mobilização política, organização social e colaboração com estruturas do movimento no contexto do combate ao colonialismo português.

Tal como outras mulheres militantes, ela enfrentou duplas opressões, a colonial e a de género, afirmando-se num espaço predominantemente masculino. A sua atuação refletiu o compromisso com a independência de Angola e com a transformação social, defendendo a dignidade, a consciência política e a participação ativa das mulheres na construção de um país livre.

Embora menos conhecida nos registos oficiais, a sua trajetória é emblemática da coragem e do sacrifício de muitas mulheres que sustentaram a luta de libertação, deixando um legado de resistência e inspiração para as gerações futuras.



comunidade em são paulo
comunidade portuguesa em são paulo



JAC/RA
Associação de Mulheres de São Paulo



SEIXAL
Associação de Mulheres de São Paulo



PRR
Associação de Mulheres de São Paulo



EUROPEAN UNION

PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



LUCRÉCIA PAIM

* foto ilustrativa

HISTÓRIA

Lucrecia Paim nasceu em Caxito, no dia 16 de outubro de 1939, e morreu em Quincuzo, no Congo-Kinshasa, em março de 1967. Foi uma feminista, defensora dos direitos humanos e militante nacionalista angolana, sendo reconhecida como símbolo de luta pela descolonização de Angola. Foi também primeira-dama de Angola e enfermeira.

Ela tornou-se membro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e cofundadora da Organização da Mulher Angolana (OMA), durante a luta fratricida que opôs o MPLA à Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

Lucrecia integrava o Esquadrão Kamy do Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA). E em sua homenagem, a maior unidade hospitalar especializada em obstetria do país recebeu o seu nome, a Maternidade-Escola Lucrecia Paim, que também funciona como hospital-docente da Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto.



comunidade em lisboa
angolano

AMCRA

MDM

SEIKAL

PRR

REPÚBLICA

PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



ENGRÁCIA SANTOS

* foto ilustrativa

HISTÓRIA

Engrácia Santos é reconhecida como um dos maiores símbolos da resistência cultural e política em São Tomé e Príncipe.

Embora não tenha participado na luta armada, travou o seu combate por meio da palavra, na música e da afirmação da identidade nacional. Como compositora e poetisa, deu expressão aos anseios do povo, transformando sentimentos coletivos e críticas sociais em arte.

A sua trajetória representa a dimensão cultural da luta anticolonial, uma força essencial que, ao emocionar, também mobiliza e fortalece a consciência nacional.



comunidade em ação
compartilhando histórias e experiências

JMCRAL
Associação

MDM
Associação

SEIXAL
Associação

PRR
Associação

Associação

PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

MULHERES DE LUTA. LEGADOS DE RESISTÊNCIA



IRENE COHEN

* foto ilustrativa

HISTÓRIA

Irene Cohen foi pioneira no movimento associativo feminino de Cabo Verde, desempenhando um papel fundamental na mobilização e organização das mulheres muito antes do início da luta armada pela independência. Num contexto marcado por limitações sociais e políticas impostas pelo regime colonial, ela destacou-se pela capacidade de articulação e liderança no seio da sociedade civil.

Antes mesmo de a luta de libertação ganhar expressão militar, ela e outras mulheres já promoviam debates, iniciativas de alfabetização e ações de conscientização social, estimulando o pensamento crítico. Essas atividades não apenas fortaleciam a educação e a autonomia das mulheres, como também lançavam as bases de uma consciência política coletiva.

Ao preencher uma lacuna cronológica entre a mobilização cívica inicial e a luta pela independência, Irene Cohen ocupa um lugar essencial na história do protagonismo das mulheres cabo-verdianas, simbolizando o papel decisivo das mulheres na construção da nação.



comunidade em ação
compartilhando saberes e experiências

JANORAL

MDM

SEIXAL

PRR

REPÚBLICA

PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



TERESA AFONSO

* foto ilustrativa

HISTÓRIA

Teresa Afonso destacou-se como uma figura que simboliza o cuidado e a solidariedade transformados em compromisso político. Enfermeira e militante da FRELIMO, integrou os serviços de saúde organizados pelo movimento durante a luta de libertação contra o domínio colonial português.

A história de Teresa evidencia como o cuidado podia assumir uma dimensão profundamente revolucionária. Ao preservar vidas e manter a capacidade de resistência dos combatentes e das populações civis, o trabalho das profissionais de saúde tornou-se parte essencial da estratégia de libertação.

Ela representa as muitas redes de mulheres que sustentaram a retaguarda da guerra: enfermeiras, cozinheiras, educadoras, mensageiras e organizadoras comunitárias.



comunidade em ação
compartilhando experiências

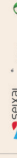
PROJETO

A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA

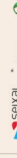
JANIRA



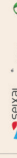
MDM



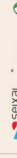
MDM



SIBXBL



PPR



EUROPEAN UNION

MULHERES DE LUTA, LEGADOS DE RESISTÊNCIA



OLGA MARIANO

MULHERES DE LUTA. LEGADOS DE RESISTÊNCIA



MIHAELA DRĂGAN

HISTÓRIA

Mihaela Drăgan é uma atriz, dramaturga e ativista romena de origem romani (cigana), conhecida pelo seu trabalho artístico e político em defesa dos direitos das comunidades Roma na Europa. Ela é uma das fundadoras do Giuvlipen, um coletivo teatral feminista romani criado em 2014 que utiliza o teatro como ferramenta de crítica social e reflexão política.

O trabalho de Drăgan combina arte, ativismo e investigação cultural. Nas suas peças e performances, aborda temas como racismo, sexismo, identidade romani e a invisibilidade das mulheres ciganas nas artes e na sociedade. Através do Giuvlipen, ela procura criar narrativas próprias da comunidade Roma, desafiando estereótipos e abrindo espaço para vozes historicamente marginalizadas.

A sua prática artística entende a cultura como um espaço de confronto político e de autorrepresentação radical. Em vez de aceitar representações externas e estigmatizadas da comunidade Roma, Drăgan reivindica o direito de falar a partir de dentro, produzindo imagens, discursos e histórias que afirmam a autonomia, a dignidade e a complexidade das identidades romani contemporâneas.



comunidade em ação
compartilhando experiências e conhecimentos



JMCRA
Associação de Mulheres Ciganas Romãs



MDM
Movimento das Mulheres Romãs



SEIXAL
Associação de Mulheres Ciganas Romãs



PRR
Programa de Recuperação Rural



REPÚBLICA PORTUGUESA

PROJETO
A QUINTA DA PRINCESA COM ELAS TEM VIDA